



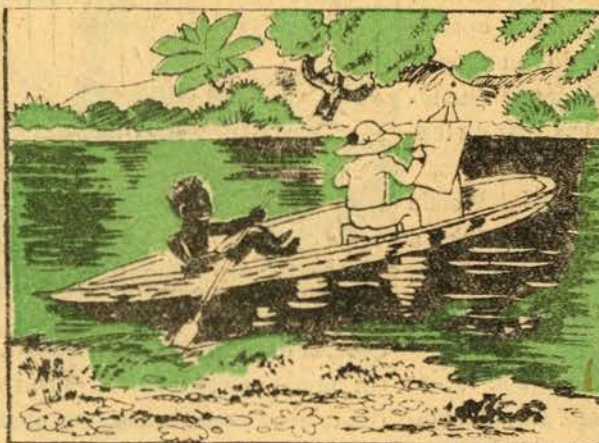
DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A ASTÚCIA E A FÔRÇA



Zé Ramos Pinto Queiroga, paisagista no Sertão, pintava, numa piroga, um quadro de sensação.

Na bela camaradagem dum preto que o acompanhava, entre uma tribo selvagem, a própria vida arriscava.

O antropófago faminto, pairava nessas regiões; mas o nosso Ramos Pinto tomara mil precauções.



Assim que algum «papa-gente», se abeirava do Queiroga, o pintor, rapidamente, voltava a sua piroga.

Pois, previamente, na quilha, (dentro de casa, tranquilo,) imitara, á maravilha, o dorso dum crocodilo.

E o «papa-gente» assustado, foge, veloz como a corça... Bem diz o velho ditado: — mais vale a astúcia que a força!

BALADA O GANSO, O MARRECO E O CISNE

POR

MARIA DO ROSARIO
DESENHOS DA AUTORA

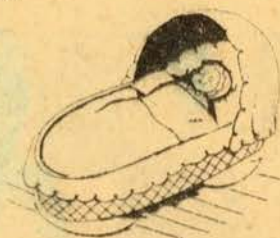
CONTO EM VERSO À LAIA DE PROSA PARA MENINOS PEQUENOS

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

MAIS um mano pequenino!...

Como eu era a mais velhinha,
para ajudar a Mãezinha,
cuidava eu do menino.

E gostava, já se vê!
Pois lhe mudava a fraldinha,
e eu, à hora da papinha,
è que lhe dava a farinha
Nestlé!



Não qu'ria, às vezes, comer
mas eu sempre o convencia:
— «Uma que manda a «Lalá»,
outra que manda a «Titia»...
Vês?!... Só falta uma colher»

Meu boneco, meu menino,
eu é que dava a papinha
ao meu irmão pequenino.

Quando principiou a andar,
sustinha-o eu pelos braços
e êle, então, dava um, dois passos...
Mas para se não cansar



pegava-lhe um bocadinho
e começava outra vez:
— «Ora vamos: — um, dois, três!...
Já deste mais um passinho!»

Meu boneco, meu menino,
fui eu que ensinei a andar
ao meu irmão pequenino!

A' noite, para o deitar,
despia-o com mil cuidados;
e aconchegava-lhe aos lados,
depois de lhos agitar,

(Continua na pag. 3)

ERA uma vez um certo patinho ganso que, embora de-veras manso, era bastante tanso.

Ora este tolo patinho buscava, a todo o momento, a boa oportunidade de mostrar ao seu vizinho a sua imensa vaidade; no que indicava afinal, apenas falta de tento.

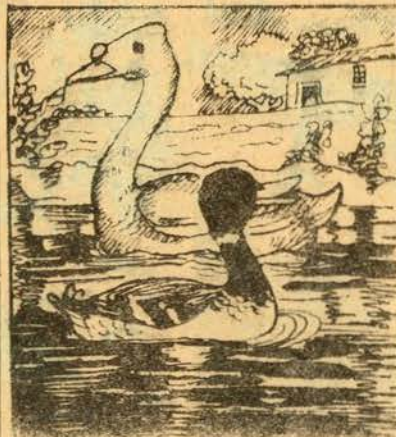
Naquele mesmo quintal onde o ganso, manso e tanso, tinha a sua capoeira, vivia, à sua maneira, um certo pato marreco, pequenino, badameco; mas que, a-pesar de petiz, diga-se, em boa verdade, vivia muito feliz na sua grande humildade.

Nadando na água imunda dum tanque que perto havia, o ganso, ao ver, certo dia, o pobre pato



que vai de ti para mim! Repara em minha elegância, na alvura das minhas penas brilhantes como o setim; na graça do meu pescoço, airoso, esguiu, que, apenas, se espelha n'água, projecta a minha beleza imensa e pensa, pobre pateta, quanto és feio ao pé de mim!»

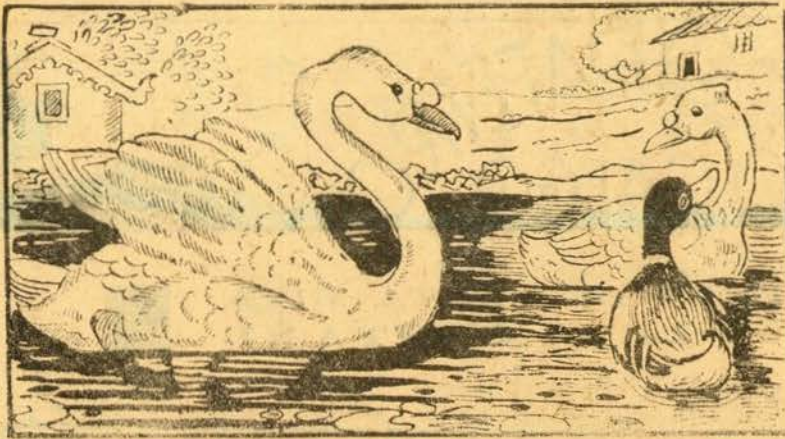
Mal o ganso basofoeiro, terminava esta perlanga, semelhante à lenga-lenga de qualquer pantomimeiro, a dona da criação, mandou pôr no mesmo lago, um cisne cuja brancura era como um doce afaço; e duma tal perfeição, de tão grande formosura, que melia num chinelo, deixando-o a perder de vista, o tanso ganso que, ao vê-lo, como o produto mais belo da obra dum grande Astista, de inveja se mordeu todo.



corcunda nas mesmas águas vo-gar, diz-lhe, com sobranceria, só para o amesquinhar:

— «Amigo, mede a distância

Então, o pato corcunda, nadando no mesmo lodo, na água igualmente imunda, onde o ganso se mirava, voltou-lhe, com ironia,



BALADA

(Continuação da pag. 2)

cobertor e almofadão.
E até vencê-lo o soninho,
não o deixava sozinho...
Podia vir o Papão!...

Meu boneco, meu menino,
eu, sempre, é que adormecia
o meu irmão pequenino!

Mas já o não deito, não!
Despreza-me a companhia,
que à força de valentia,
êle venceu o Papão.

Está quási um homemzinho!
Quem o viu e quem o vê!
Já aprende o A B C,
e conta até cem sozinho!

Meu boneco, meu menino,
eu é que ensinei a ler
o meu irmão pequenino!



ante o cisne que nadava, com toda a aristocracia da sua elegância imensa:

— «Meu pobre pateta, pensa quanto és feio ao pé daquele, repara no encanto dele, que sua vidade, que enleio, que graça tão natural na sua atitude altiva!... Toda a Beleza, afinal, cá no mundo, é relativa!»

FIM

ANEDOTAS

— Papá, — perguntou um rapazito dos seus 7 anos, — se eu fosse gémeo, o papá também dava uma banana ao outro menino?

— De certo, meu filho.

— Então, o papá com certeza não me vai deixar ficar sem a outra banana por eu ser feito duma peça só?

Uma mulher levou a uma farmácia uma receita do médico, que prescrevia pós de arsénico em papelinhos.

Vendo o farmacêutico pesar os

pós com a mais escrupulosa exactidão, disse:

— Oh! senhor, pese isso bem pesado, que é para gente pobre.

O Sousa comprou um papagaio. Disseram-lhe que era um bom falador e que em breve aprenderia tudo quanto se dissesse na sua presença. Quinze dias depois, porém, voltou com êle para a loja.

— Que defeito lhe acha? — perguntou o passarinho.

— O-o-ra, — respondeu o Sousa, — o pa-pa-palermo do-do bi-bi-bicho ga-ga-gagueja!

Hieroglifica

Portem-se com + O para
que o não deixe de
nôr na vossa lindos

Meu coração, de o amar tanto,
é um altar pequenino,
onde adoro o meu menino
tal como se adora um santo.

E a toda a hora do dia,
peço à Virgem e a Jesus
que do céu lhe enviem luz
e sejam, sempre, o seu guia!

Que o conduzam com amor
pelo trilho da Verdade,
afastando-o da maldade
e pondo-lhe a alma em flor!

Meu boneco, meu menino...
Como não hei-de eu gostar
do meu irmão pequenino!

FIM



Por AUGUSTO DE SANTA RITA
Desenhos de A. CASTAÑÉ

BEU-BEU Rafeiro era um cachorro vulgar de raça atravessada. De sangue plebeu, aventureiro e vadio, era bastante invejoso.

Sempre que via um cão de raça, punha-se logo a desdenhar da sua fidalguia, sem respeito pelos designios da sorte que assim os fadara e sem o culto pela correção de linhas e elegância de formas com que haviam nascido, independentemente da sua própria vontade.

No fundo, era um pouco de inveja, pela forma como eram tratados pelos donos, o que levava



Béu-béu Rafeiro a manifestar-lhes a sua raiva e despeito.

Ora um certo dia, Béu-béu Rafeiro, atravessando, casualmente, um matagal bravio, encontrou, a



pouca distância dum caçador, que era o seu dono, um lindo cão galgo de requintada elegância, e esbeltas atitudes. Em face do seu locinho esguiu, do seu corpo alongado e pernas muito finas, mas extremamente graciosas, pôs-se logo a troçá-lo, na forma do seu costume.

A falta de melhores argumentos, Béu-béu Rafeiro, fingindo-se condoído da sua extrema magresa, imediatamente exclamou:

— Coitado! Apesar de nada te faltar no tacho do teu dono, estás mesmo um «estica», magro como um tísico. Dir-se-ia que passas fome; mal te deves ter nas pernas, de tão finas que são! Metes-me dó, és um pobre diabo! Olha para mim! Não tenho, talvez, a tua elegância mas sou musculoso e bem constituído!

Mal tinha acabado de proferir a mesquinha expressão da sua inveja e despeito, duma sebe florida, a quinze ou vinte metros de distância, uma lebre surgiu, de orelhas arrebitadas, em doida correria, veloz como uma seta. Arrebitando, também, as suas orelhitas longas e feias, Béu-béu Rafeiro começou a correr, guloso do bom pestico, perseguindo a lebre. Então o galgo, que o escutara altivamente, sem nada objectar, deixando-o adiantar-se bastante, pôs-se, por sua vez a persegui-la também. Já Béu-béu Rafeiro, com a língua de fóra, quasi deitava os bofes pela boca, quando, subitamente, mais ágil que uma corça, o galgo lhe passa à frente, abocanhando, por fim, a apetecida presa que, logo em seguida, foi entregar ao dono sem mostras de can-

A Travessa do arroz-doce e a vingança de Toninho

POR AUGUSTO de SANTA-RITA

Desenhos de A. CASTANÊ

A mãe do Zéca, do Juca e do Toninho, já várias vezes ralhara com eles porque, sempre que fazia arroz-doce ou leite creme, estes apareciam, pouco depois, sem a canela com que ela os polvilhara, enfeitando-os com arabescos, datas natalícias ou nomes alusivos, desenhados à sua superfície, denunciando tal facto que haviam sido lambidos.

Ora o Toninho estava já farto de ser castigado injustamente e não sabia a qual dos irmãos caberia a responsabilidade de tão feio costume, pois nenhum deles se acusava, envolvendo-o também, nas consequências de tão grave delicto.

Um dia, apanhara uma sova mestra que havia sido geral, outro dia ficara com os irmãos fechado à chave no mesmo quarto quasi duas horas e, uma noite, fo-

ram deitar-se sem jantar, tudo devido ao feio costume do Zéca, do Juca ou de ambos eles — (fôssem lá saber!...) — pois ambos, assim como o inocente Toninho, juravam não haver sido.

No dia dos anos do Toninho, novamente, a mãe, para festejar condignamente o seu aniversário, decidiu fazer arroz-doce, como era da praxe em tais dias de festa. Quando, porém, este se encontrava já na travessa, Toninho, certo de que a mãe, por ser ele o festejado, lhe satisfaria todos os desejos, desde que fôssem razoáveis, pediu-lhe autorização para ser ele a enfeitar, com a canela, a superfície do doce. Obtido o consentimento, na ausência dos irmãos, meia hora depois, a travessa do arroz-doce era colocada a meio da mesa da casa de jan-



tar, com grande contentamento do Juca e do Zéca, aos quais a mãe recomendou, mais uma vez, que não lhe tocassem com um dedo sequer, e muito menos com a língua, pois castigaria, severamente, o que fosse desobediente.

Toninho, Juca e Zéca, seguidos por ela, saíram, imediatamente, da casa de jantar e foram brincar para o jardim, com os lindos brinquedos com que o primeiro fôra presenteado: — um automóvel de corda, um cavalo de pasta, uma espingarda com o respectivo alvo e uma bola grande de borracha.

Passado um quarto de hora, apenas se encontravam brincando, no jardim, o Toninho e o Juca, pois o Zéca voltara para casa.

Uns minutos depois, quando o Toninho deu por sua falta, foi pé ante pé, muito devagarinho, espiar o irmão. Chegando à porta da casa de jantar, espreitou, cautelosamente, e surpreendeu-o encarrapitado numa das cadeiras e debruçado sobre a mesa, miran-

(Continua na página 8)



saço. Voltando para junto do Rafeiro invejoso, disse-lhe, então, com ironia e desprezo: — «Para que serve, afinal a tua corpulência?!...»

Ofegante ainda, com o rabo entre as pernas, Bêu-bêu Rafeiro, vexado, não achando resposta ao justo e bem aplicado correctivo do galgo, tão ágil quanto dextro

e flexível, bateu em retirada, prometendo a si próprio não mais se fiar nas aparências, nem formular maus juízos antecipadamente.

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

XVIII Série (A segunda das últimas cinco séries!)

CHARADAS EM FRASE:

- 1.ª — Encontrei o homem a dar a nota musical àquela mulher. 2-1. *Josefa* William
- 2.ª — A descarga no campo, atinge uma terra portuguesa. 2-2 *Andorinha*
- 3.ª — A cama aqui dá azar. 2-1. *Oriebir*
- 4.ª — Que ave! Nota que só está bem na prisão. 2-1. *Pedro Calapez Correia*
- 5.ª — A nota da Manuelazinha, tem um peixe. 1-2. *Compadre Xabregas*
- 6.ª — Sou um homem solitário neste caminho de pedras. 2-1. *Artur Melo Cabral*

CHARADAS AUMENTATIVAS:

- 7.ª — Por cima da aba do boné ouví dizer uma pêta. 2. *Barrocar*
- 8.ª — Adore a mulher. 2. *Zairina Lopes Coelho*

CHARADAS SINCOPADAS:

- 9.ª — Este homem tem um carro. 3-2. *Helios*
- 10.ª — Este utensílio de cozinha tem um espaço de tempo. 3-2' *Tia Zita*
- 11.ª — Se é cruel, atra-se-lhe com grêda. 3-2. *Nicolina Sempre Fixe*

- 12.ª — Ful atacado por uma febre, dentro dum bosque. 3-2. *maleita mata*
- 13.ª — Encontrei este tuberculo na algebrá desta vestimenta. 3-2. *batata* *Kico*
- 14.ª — Dá cá um amplexo amigo, és riço como este metal. 3-2. *abrasso* *aco* X-27 *Nicles de Tricles*

CHARADAS ELECTRICAS:

- 15.ª — Esta côr fica bem a esta mulher portuguesa. 2. *Arue* *lusa* *Vidalegre*
- 16.ª — Tenho grande inclinação por esta cidade italiana. 2. *Amor* *Roma* *Jodasilio*
- 17.ª — Olha o diabo nos bosques. 2. *Lutem mata* *Jose Espanha*
- 18.ª — A bebida é para a mulher. 2. *Vasco de Setabal*
- 19.ª — Toda a gente se engana nesta interjeição. 2. *Jobista J.º*
- 20.ª — E' sempre um membro. 2. *Asa* *Nando Januario*

A solução destas charadas, devem estar em nosso poder até às 18 horas do dia 24 de Dezembro, (sabado). No próximo número, daremos o resultado do sortelo das séries X a XIV e XI a XV.

TIO TON IO
Rua do Século, 43
L I S B O A

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no n.º 357 (XV Série)

- | | | | |
|------------------|-------------------------|--------------------|--------------------|
| 1.ª — Boaventura | 6.ª — Clara-clarão | 11.ª — Faneça-faca | 16.ª — Levas-savel |
| 2.ª — Caclinas | 7.ª — Solido-solidão | 12.ª — Cavalo-calo | 17.ª — Raul-luar |
| 3.ª — Imperador | 8.ª — Sarda-sardão | 13.ª — Galata-gato | 18.ª — Oco |
| 4.ª — Sapato | 9.ª — Pá-pão | 14.ª — Almada-aida | 19.ª — Amor-roma |
| 5.ª — Mizalha | 10.ª — Francisco-franco | 15.ª — Adorno-ano | 20.ª — Odor-odo |

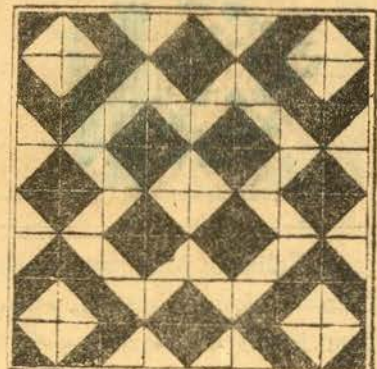
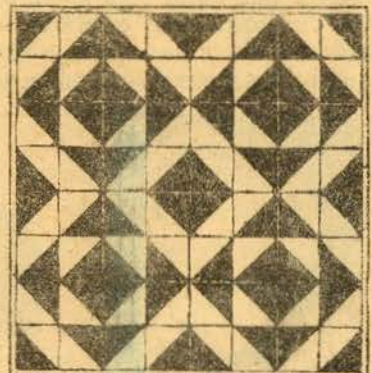
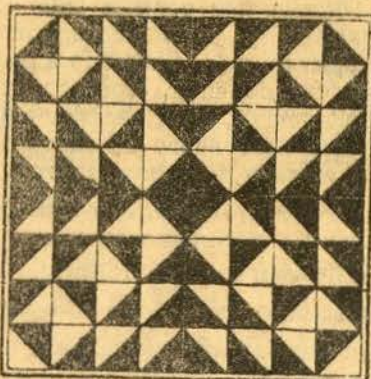
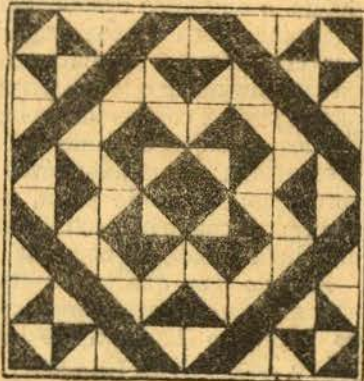
TRABALHOS MANUAIS

ENTRETENIMENTO GEOMÉTRICO

O jogo-combinação que hoje apresentamos aos nossos pequenos leitores, consiste no seguinte:

Recortem 64 quadrados em cartolina, pintando neles, em sentido diagonal, um triângulo negro, vermelho ou de qualquer outra côr.

Disponham-nos, seguidamente, num conjunto de 8 em altura e 8 em largura, conforme aprouver á vossa fantasia e bom gosto. Verão a série imensa de combinações que poderá obter-se, entre as quais figuram os modelos juntos, segundo a disposição que derem aos quadrados.



Correspondência

José Joaquim Estorninho — Portalegre — Lê o que digo ao teu «primo» Antonio Maria Roque.

Fernando Franco de Melo — Cartaxo — Os teus problemas com uns retoquezinhas ficam á altura de ser publicados.

Edmundo José de Assunção — Lisboa — O teu desenho é muito bonito mas para ser publicado precisava ser, o original, desenhado a tinta da China ou tinta preta. Desenhos coloridos não servem.

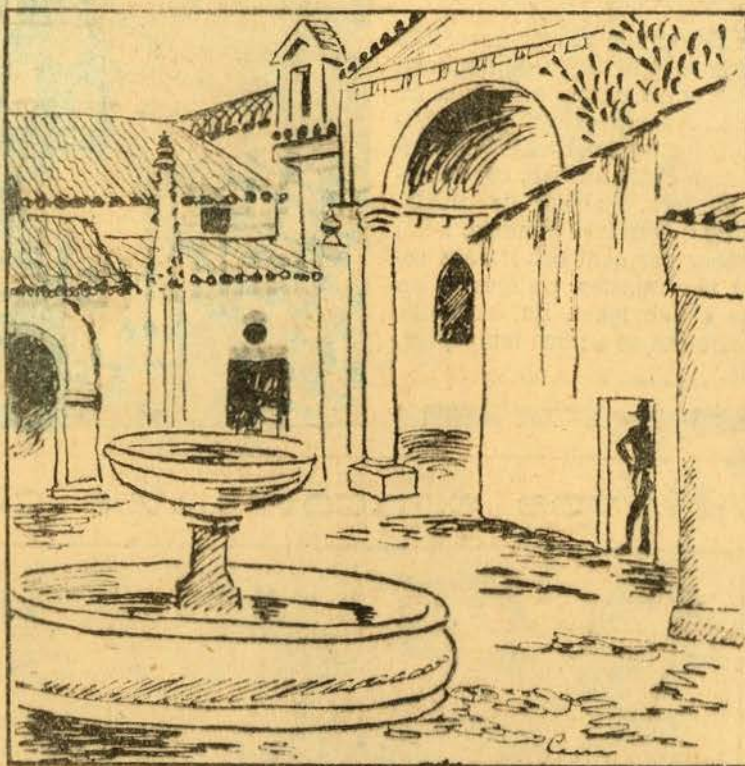
S. Mamede — A mesma resposta.

Alexandrino Valente — (Lisboa) — Os desenhos coloridos não são publicáveis. Apenas se podem reproduzir aqueles que, dentro das dimensões já marcadas, sejam feitos a tinta muito escura.

José Cálculos — (Dafundo) — Não sei a que te referes na tua carta de 12-8-932.

O que era o jôgo?

Para os meninos colorirem



ADIVINHA



Meus meninos:—vejam se descobrem onde se encontra o papá deste menino,

O NATAL DAS CRIANÇA

Este ano não ha motivo para não presentear a petizada



A surpresa do sapato na chaminé fica ao alcance de todos

Os engraçados livros **Bébés de Bibe e Babette Lanterna Mágica, Pá Ta Pá, Cò Cò Ró Cò, Papagaio Azul, Os meus contos e Aventuras de Papusse** constituem uma lembrança que além de divertir as crianças, lhes dá conhecimentos uteis.

Paginas ilustradas e coloridas em todos os livros

2\$50 CADA VOLUME

Pedidos á nossa Administração
RUA DO SEculo, 49

A' venda na

SUCURSAL DO ROSSIO

REMESSAS PELO CORREIO
A' COBRANÇA

A trevesa do arroz-doce

(Continuação da 5 página)

do e remirando o arroz-doce. Não resistindo à tentação de lamber a canela, Zéca deitou a linguíta de fóra e iniciou a gulosa tarefa. Súbitamente, porém, desatou aos gritos, num choro aflitivo, com a língua de fóra. Em vez de canela, Toninho espalhara pimenta, a-fim de saber por qual dos irmãos sofrera tão injustos castigos e, ao vê-lo chorar tanto, ria, satisfeito, fazendo-lhe, ao mesmo tempo, surriada.

F I M



Novos concorrentes classificados



HELIOS
Augusto H. Lou-
reiro Bastos

Armando Satur-
nino

MASGOTE
Alcide Trindade

TEXAS-JACK
Orlando Jordão

Anibal Ortiz Mar-
tins

ZE' QUITOLAS
José Francisco
Duarte Ferreira

A LÓGICA DO CARLITOS



Carlitos vendo um camião com seis rodas colossais, pergunta ao pai a razão, pois lhe parecem de mais.

O pai, que nunca o ilude, diz-lhe, acendendo um cigarro: — «São precisas em virtude do comprimento do carro.»

Decorrido um quarto de hora, Carlitos repara, então, numa elegante senhora com um cachorro alemão.

E ao vê-lo assás exquisito, — (corpo longo e pés pequenos) — diz ao pai: — «este canito tem duas patas a menos!»